

A FEIÚRA COMO OPÇÃO ESTÉTICA EM “MEMÓRIAS DE MARTA”

Flávia Marçal Meslin Pires (UERJ)

fmmeslin@gmail.com

Carmem Lucia Negreiros de Figueiredo Souza (UERJ)

carmemlucianegreiros@gmail.com

A proposta desse trabalho é estudar a feiúra como estratégia literária na obra “Memórias de Marta”, de Júlia Lopes de Almeida. Júlia foi uma autora reconhecida no final do século XIX e início do século XX, tendo sido uma das organizadoras das reuniões para fundação da Academia Brasileira de Letras. Todavia, sofreu um processo de esquecimento e silenciamento, tendo sido deixada de fora do cânone literário. Inicialmente, há que se conceituar feiúra. Para isso, recorreremos aos estudos de Umberto Eco em “A história da feiúra”. A concepção tradicional de feio é aquilo que se opõe ao que é belo. Segundo esse entendimento clássico e baseado em uma oposição, a beleza está relacionada à harmonia e proporção das formas. O feio, nessa concepção, não teria nenhum valor próprio. Umberto Eco é contrário a essa posição e age no sentido de afirmar o valor da feiúra como uma categoria estética que goza de autonomia. As ideias de beleza ou feiúra se constituem dentro de sistemas de representação, não são conceitos universais: culturas diversas produzem conceitos diversos. Quais seriam então os ideais e sistemas de representação vigentes à época da obra em questão? Memórias de Marta foi publicado em 1889. Conservava ainda resquícios do romantismo. Não é surpresa então a opção pela feiúra como estratégia narrativa. Como Victor Hugo nos ensina, a feiúra romântica tem uma função. A proposta desse trabalho é debater acerca desta função e analisar como a feiúra pode se constituir como estratégia narrativa e opção estética.

Palavras-chave: Feiúra. *Belle Époque*. Júlia Lopes de Almeida.